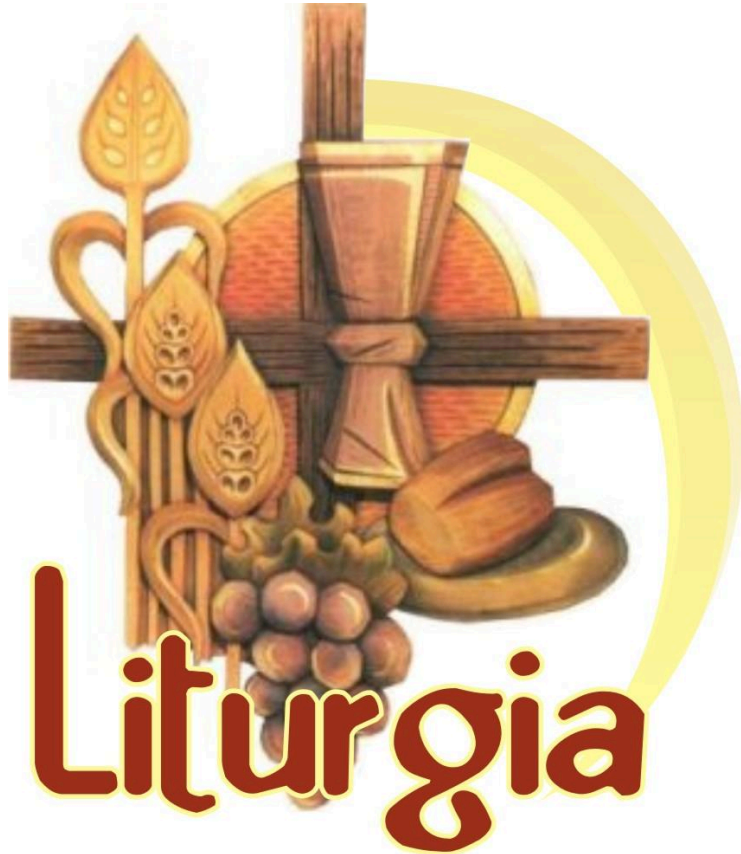




“A liturgia é a fonte primária do Verdadeiro espírito cristão” (Paulo VI).

Liturgia é uma palavra da língua grega que quer dizer: *Ação do povo, ação em favor do povo.*

É a ação de um povo, **reunido na fé**, em comunhão com toda a Igreja, para celebrar o **Mistério Pascal** – *Morte e Ressurreição de Cristo*, presente na *Assembléia*, oferecendo-se ao *Pai* como *culto* perfeito.

Como o Concílio Vaticano II definiu a liturgia? À luz da Constituição litúrgica “Sacrosanctum Concilium” – que foi o primeiro documento conciliar, publicado em Roma no dia 4 de dezembro de 1963 -, podemos dizer que é: “ *uma ação sagrada pela qual através de ritos sensíveis se exerce, no Espírito Santo, o múnus sacerdotal de Cristo, na Igreja e pela Igreja, para a santificação do homem e a glorificação de Deus*” (cf SC, 7).

Aprofundando melhor no conceito do “Sacrossanctum Concilium” veremos:

- a) **Ação sagrada** – Quer dizer: ação de uma comunidade – Igreja onde Cristo age. É sagrada, pois comunica Deus e por ela nos comunicamos com ele. E aí entra a fé e o amor.
- b) **Ritos sensíveis** – Esta comunicação com Deus, por Cristo e em Cristo se faz através de sinais e símbolos, isto é, de forma sacramental.
- c) **O múnus sacerdotal de Cristo** - É ele (Cristo) quem age e continua a realizar a obra da salvação de modo que todos possam realizar a sua vocação sacerdotal recebida no Batismo. A ação sagrada é de Cristo. É ele o sacerdote principal – o oferente e a oferta.
- d) **Na Igreja e pela Igreja** – Cristo não age sozinho, mas se faz presente na e pela ação da Igreja toda.
- e) **Para a santificação do homem e a glorificação de Deus** – Estes são os dois movimentos de cada ação litúrgica: o movimento de Deus para o homem – *a santificação*. E o movimento do homem para Deus – *a glorificação*.

Outra Definição que possuímos da liturgia é, conforme o documento de Medellín?

“A liturgia é a ação de Cristo Cabeça e de seu corpo que é a Igreja. Contém, portanto, a iniciativa salvadora que vem do Pai pelo Verbo e no Espírito Santo, e a resposta da humanidade naqueles que se enxertam, pela fé e pela caridade, no Cristo, recapitulador de todas as coisas. A liturgia, momento em que a Igreja é mais perfeitamente ela mesma, realiza indissoluvelmente unidas, a comunhão com Deus entre os homens, e de tal maneira que a primeira é a razão da segunda. Se antes de tudo procura o louvor da Glória e da graça, também está consciente de que todos os homens precisam da Glória de Deus para serem verdadeiramente homens” (Medellín – lit. 9,2)

ASSEMBLÉIA LITÚRGICA.

“Proclamai uma reunião sagrada! Reuni o povo, convocai uma assembléia, congregai os anciãos, reuni os jovens”... (Joel 2,16)

Definição:

É uma reunião de pessoas em vistas de um determinado objetivo, meta ou fim.

Assembléia Litúrgica: É um povo convocado por Deus para responder à sua Palavra em atitude de fé. É o corpo de Cristo: sinal visível do grande mistério da Igreja em toda a sua realidade.

Quem convoca a assembléia litúrgica é o próprio Deus. Foi ele quem escolheu cada um de seus membros (“fui eu que vos escolhi” – Jô 15,16) por chamado especial. “Tomar-vos-eis por meu povo, e serei o vosso Deus” (Ex 6,7).

O QUE CELEBRA O POVO

“A obra da salvação, continuada

pela Igreja, se realiza na liturgia.”(Sc,6)

Como toda Celebração, a liturgia envolve um grande acontecimento: trata-se de celebrar o MISTÉRIO PASCAL – a paixão, a morte, a ressurreição e a glorificação de Cristo. E é este o acontecimento central de nossa fé.

MISTÉRIO PASCAL.

Mistério Pascal: Costumamos dizer que liturgia é a celebração dos mistérios de Deus. Que mistérios são esses? Quando falamos em mistérios de Deus queremos indicar os *projetos de Deus* que se realizam na pessoa de Jesus Cristo: a redenção e a salvação de todos os homens, a implantação do Reino de Deus no mundo, a participação de todos da vida e da felicidade de Deus...

Qual é o mistério central da vida de Cristo? É a sua paixão, morte e ressurreição. Que nome se dá ao mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo? Dá-se o nome de *Mistério Pascal*.

E o que se quer dizer Pascal? Deriva-se de páscoa, que significa *passagem*. Portanto, mistério pascal é a passagem de Cristo pelo sofrimento e morte até a sua ressurreição-glorificação.

Quando se fala em mistério pascal não se deve pensar somente em Jesus. A páscoa de Jesus está unida à páscoa do povo de Deus. A páscoa é páscoa do Cristo total: cabeça e membros.

O que faz a liturgia? A liturgia celebra a páscoa do Senhor e a páscoa do seu povo. Celebra os sofrimentos, a morte, a ressurreição-glorificação de Jesus; mas celebra também, por um lado, as lutas, as dores, as angústias e a morte do nosso povo, e por outro lado, celebra suas conquistas, alegrias e esperança em vista de uma sociedade fundada na justiça e na fraternidade.

Que lugar ocupa a liturgia no plano de Deus? Deus organizou, um plano que passa pelos profetas e por Cristo chega até nós. E ele quis o prolongamento deste plano na história dos homens. A liturgia se inscreve na continuidade da Obra de Deus desde a criação até a Parusia - o fim dos tempos, quando na Nova Jerusalém celebramos de um modo perfeito e definitivo a liturgia celeste (SC, 8).

O Papel da Liturgia na Missão de Cristo: Para unir, reunir e congregar todos os homens em Deus, Cristo permanece presente, atual, vivo, hoje e sempre na celebração litúrgica. Ele é o litúrgico por excelência. É altar e oferenda, vítima e holocausto. Nele encontra-se a plenitude do culto divino. Toda a vida de Cristo é litúrgica e sacerdotal. Está a serviço:

Da glorificação de Deus (“Eu te louvo, ó Pai” – Lc 10,21);

As santificação dos homens (“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” – Jô 8,32);

Da reconciliação de todos com Deus (“Eu não quero a morte do pecador, mas que ele se converta e viva” – Mt 9,13).

Papel da Liturgia na Vida da Igreja:

É o próprio Deus que envia:

- Seus profetas;
- Seu Filho – Jesus Cristo;
- Seus apóstolos e discípulos;
- Sua Igreja.

E estes são enviados para:

- Pregar a BOA NOVA;
- Realizar a obra da Salvação;
- Oferecer sacrifícios;
- Celebrar os sacramentos.

Daí é que podemos dizer que a liturgia é a Igreja viva como: sacramento, sinal e instrumento de união com Deus e de Salvação dos homens.

A Liturgia é vida para a Igreja: A vida da Igreja resume-se no serviço de Cristo que salva. Por isso, a Igreja é sinal, instrumento e sacramento visível de unidade e salvação. Este serviço é de modo especial a liturgia – serviço em favor do povo. Nela a Igreja atualiza o Mistério Pascal do Cristo para a

salvação do mundo e louva a Deus em nome de toda a humanidade. a liturgia é o momento culminante da vida da Igreja, da atuação do Espírito Santo e da perseverança do Cristo Glorioso. É a vida da Igreja onde o Cristo se faz presente, realizando a salvação do seu povo. Liturgia é, portanto, a salvação celebrada atualizada, acontecida e vivida.

A HISTÓRIA DA LITURGIA.

“Para conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo, faça-se uma investigação teológica histórica e pastoral acerca de cada uma das partes da liturgia que devem ser revistas”. (SC,23).

O que Cristo deixou determinado com relação a liturgia?

Jesus Cristo não deixou nada escrito. Não traçou nenhum ritual de cerimônias religiosas. A grande liturgia de sua vida foi, de fato, a sua entrega, na cruz, oferecendo-se como sacrifício, ao Pai e aos homens. Os apóstolos, porém, assistidos pelo Espírito Santo, organizaram as primeiras comunidades e criaram maneiras novas para o culto das mesmas. Tudo foi sendo conforme a realidade e necessidade do povo.

A Igreja vai se encarnando, se aculturando, se adaptando conforme as necessidades de cada lugar e de cada época. E isto é bem claro com relação a liturgia. No princípio, os apóstolos, como os primeiros cristãos, continuam freqüentando o templo para oração. A Igreja, no seu começo, não possuía um culto próprio diferente do culto do judaísmo. Mas, ao mesmo tempo que freqüentavam o templo, os cristãos iam criando formas próprias de culto. O mesmo vai acontecendo nas casas.

Ai, os cristãos se reúnem para a sua liturgia, celebrando a nova aliança com morte de Cristo pela renovação da Ceia Pascal do Senhor.

AS PRIMERIAS LITURGIAS.

“Eles mostravam-se assíduos ao

*ensinamento dos apóstolos à comunhão
fraterna, à fração do pão e às orações”. (At 2,42).*

Nossa liturgia tem sua origem (fato): A nossa liturgia tem a sua origem na última ceia de Jesus Cristo com o grupo dos 12 apóstolos. Dela falam os evangelistas Mateus (26,26-28) **Durante a refeição • , Jesus tomou o pão e, depois de ter pronunciado a bênção, ele o partiu; depois, dando-o aos discípulos, disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo • A seguir, tomou uma taça e, depois de ter dado graças, deu-a a eles, dizendo: Bebei dela todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, derramado em prol da multidão, para o perdão dos pecados •** Marcos (14,22-25) e Lucas (22,19-20) e o apóstolo Paulo (1Cor 11,23-25). Eles ainda apresentam o pedido de Jesus “Fazei isto em memória de mim”.

Liturgia será sempre memória: De Jesus Cristo. Ou melhor, da sua Paixão e morte, ressurreição e ascensão. Para nós a celebração eucarística é um “memorial” – nela recordamos a ceia de Jesus na véspera de sua morte, na qual se entregou ao Pai por nós.

As Primeiras Liturgias nas primeiras comunidades: As primeiras liturgias das comunidades primitivas eram bem celebradas e participativas; conservavam um sabor especial que era a presença viva de Jesus. Celebravam nas casas, entre as famílias.

Os alimentos, os cantos, a música, tudo era parte das pessoas e não algo estranho a elas. A Eucaristia era, acima de tudo, a recordação viva do mestre Jesus. E essa recordação era para ser confrontada com a vida pessoal de cada um e com a vida da comunidade. O mais importante em tudo isto era a viva participação de todos: “Quando estais reunido, cada um de vós, pode cantar um canto, proferir um ensinamento ou uma revelação... mas que tudo se faça para a edificação” (1Cor 14,26).

Entre os primeiros Cristão já havia um rito da palavra: Os primeiros Cristãos reunidos para a liturgia tinham a consciência de que a pregação dos apóstolos era a Palavra de Deus. Após ouvir com atenção, a pregação dos apóstolos, eles celebravam a ceia do Senhor. Assim, desde o início, a palavra anunciada antecede à celebração Eucarística.

Porque os cristãos das comunidades primitivas tinham o costume de reunir-se no domingo?
Porque foi no domingo – “o primeiro dia da semana” – que o Senhor Jesus Cristo Ressuscitou.

“Devido à tradição apostólica que tem sua origem no dia mesmo da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra cada oitavo dia o Mistério Pascal. Esse dia Chamava-se justamente dia do Senhor ou domingo. Neste dia, pois, os cristãos devem reunir-se para, ouvindo a Palavra de Deus e participando da Eucaristia, lembrarem-se da Paixão, Ressurreição e Glória do Senhor

Jesus e darem graças a Deus que os regenerou para a viva esperança, pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos.” (1Pd 1,3). Por isso, o domingo é um dia de festa primordial que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fieis, de modo que seja também um dia de alegria e de descanso do trabalho”. (cf. SC, 106).

O modo como as primeiras comunidades celebravam a eucaristia?(Atos 2,42-47) Eles eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos e à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações • O temor se apoderava de todo mundo: muitos prodígios e sinais se realizavam pelos apóstolos. Todos os que abraçaram a fé • estavam unidos • e tudo partilhavam. Vendiam as suas propriedades e os seus bens para repartir o dinheiro apurado entre todos, segundo as necessidades de cada um. De comum acordo, iam diariamente ao Templo • com assiduidade: partiam o pão em casa, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram favoravelmente aceitos por todo o povo • . E o Senhor ajuntava cada dia à comunidade os que encontravam a salvação.

O que aprendemos da Liturgia dos primeiros Cristãos: Os primeiros cristãos não apenas celebravam a liturgia, mas vivia a liturgia. Do seu comportamento podemos retirar algumas lições para nós, hoje:

À Constata-se, em primeiro lugar, uma estreita ligação entre a celebração e a vida deles. A celebração da entrega do Corpo e Sangue do Senhor Jesus era a expressão da doação de suas vidas pelos outros. Todos se preocupavam pelos problemas de todos “*Um por todos e todos por um*”.

À Descobre-se também a presença de uma comunidade ativa por ocasião das celebrações, de onde se tirava força para viver a mensagem libertadora de Jesus Cristo.

À Denuncia-se ainda a barreira que impede a celebração autêntica: o egoísmo de alguns ricos que se uniam em grupos fechados e marginalizavam os pobres. Aparece a exigência da mudança de vida, para que a Eucaristia seja, de fato, sinal e instrumento de transformação social, para criar verdadeira comunhão e não apenas reunião. (cf 1Cor 11,17-34).

(1Cor 11, 17-26). Isto posto, eu não tenho de que vos felicitar: as vossas reuniões, muito ao invés de vos fazer progredir, vos prejudicam. Primeiramente, quando vos reunis em assembleia, há entre vós divisões, dizem-me, e creio que em parte seja verdade: é mesmo necessário que haja cisões entre vós, a fim de que se veja quem dentre vós resiste a essa provação • . Mas quando vos reunis em comum, não é a ceia do Senhor que tomais. Pois na hora de comer, cada um se apressa a tomar a própria refeição • , de maneira que um tem fome, enquanto o outro está embriagado • . Então, não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus, e quereis afrontar os que não têm nada? Que vos dizer? É preciso louvar-vos? Não, neste ponto eu não vos louvo.

De fato, eis o que eu recebi do Senhor•, e o que vos transmiti•: o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou pão, e após ter dado graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo, em prol de vós•, fazei isto em memória de mim•. Ele fez o mesmo quanto ao cálice, após a refeição, dizendo: Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto todas as vezes que dele beberdes, em memória de mim. Pois todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.

À Sente-se a ligação entre a missa e Igreja: pela Eucaristia a Igreja se constrói anunciando, denunciando e vivendo Jesus.

O Domingo.

“No dia do Sol todos nos congregamos... Porque nesse dia ressuscitou dentre os mortos Jesus Cristo, nosso Salvador”. (São Justino).

De onde vem este nome? São João, no Apocalipse, é o primeiro autor sagrado que fala do “Dia do Senhor”: Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus...” (cf. Ap 1,9-10^a). No final do século I a Didaqué também faz menção deste nome: “Reuni-vos cada *Dia do Senhor*, parti o pão e daí graças depois de haver confessado vossos pecados, a fim de que vosso sacrifício seja puro”.

Qual é a origem do domingo? Estes mesmo textos citados demonstram que era costume dos apóstolos assistir ao culto sinagoga, continuando logo com uma vigília que se estendia até a madrugada do primeiro dia. Havia, pois, uma justaposição do culto sabático judeu com o nascente culto dominical cristão.

O que se celebra neste dia? São Justino dá testemunho da consciência da celebração semanal da Páscoa da Igreja nascente: “nos reunimos no dia do sol, tanto porque é o primeiro dia em que Deus Criou o mundo, como porque nesse mesmo dia Cristo, Salvador, ressuscitou dentre os mortos”. (Ap. nº 67)

Quais as características do domingo Cristão?

A Aspersão – recordação da incorporação batismal no mistério de Cristo.

A celebração da Eucaristia e a obrigação de assistência à mesma.

Qual a origem da idéia do repouso dominical? Sua origem descansa na doutrina vetero-testamentária do sábado. No cristianismo só se conhece a partir da segunda metade do século III. O imperador Constantino se encarregou de generalizar o descanso dominical estabelecido como lei o que já

era costume bastante difundido entre os cristãos. Prescrições cada vez mais rigorosas foram aparecendo no século seguinte.

Qual é a significação teológica do domingo na tradição cristã? Podemos considerá-la em três aspectos, a saber:

À O dia da Ressurreição – Aspecto Comemorativo:

Nos primeiros séculos do cristianismo, a Páscoa foi a única festa que se celebrou em toda a Igreja a sua celebração foi semanal. Concretamente, no domingo. A primazia do domingo sobre os demais, como comemoração anual, apareceu bem mais no século II. São inumeráveis os testemunhos da celebração dominical da Páscoa. Santo Inácio de Antioquia recomenda festejar o oitavo dia “Porque nele Jesus ressuscitou dentre os mortos”. Tertuliano dá ao domingo o nome de “Dia da Ressurreição”. Posteriormente, São Jerônimo, Santo Agostinho e outros remontam aos apóstolos a instituição do domingo como “a celebração semanal da Ressurreição”.

À O dia da vinda do Senhor – Aspecto escatológico.

O elemento escatológico é essencial na fé e na vida cristã. “A Igreja, nos ensina o Concílio Vaticano II, a que todos temos sido chamados em Cristo Jesus e na qual, pela graça de Deus, adquirimos a santidade, não será elevada à sua plena perfeição senão quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas” (At 3,21) e quando o gênero humano, também o universo inteiro, que está intimamente unido com o homem por ele alcançar seu fim, será perfeitamente renovado. (cf Ef 1,10; Cl 1,20 e 2Pd 1,10-13).

Isto é o que professamos todos os domingos na recitação do credo: “... de novo há de vir julgar os vivos e os mortos (...) Creemos na ressurreição da carne e na vida eterna”. (Cf. Profissão de fé).

Como se vê esta ansiosa espera da Igreja da vinda definitiva do Senhor tem lugar, de maneira especial, na celebração litúrgica do domingo, chamado também o “oitavo dia”, quer dizer o dia que segue ao tempo, o dia eterno “que não conhece o ocaso”.

À O dia da presença do Senhor – Aspecto Significativo.

A celebração dominical de Cristo ressuscitado atualiza em nossas existências sua presença e seu ministério salvífico. A constituição Sacrosanctum Concilium sobre a liturgia, no nº 7, nos mostra os vários modos da presença de Cristo e de seu ministério na Celebração Eucarística. Desta maneira se vê claro que o domingo é o dia da presença do ressuscitado. É o “aqui e o agora” da festa cristã.

Através dos distintos elementos da celebração dominical, se fazem presentes, no meio de sua Igreja, o Senhor Ressuscitado e seu mistério salvífico pascal.

Qual é o elemento determinante do dia do Senhor?

Assim como o domingo se caracteriza, antes de tudo, pela reunião da comunidade eclesial para escutar a palavra de Deus e participar da Eucaristia (SC nº 106), a santificação do domingo com a Eucaristia não é algo imposto à vista do cristão, por um preceito da Igreja, mas que é um elemento constitutivo e determinante do Dia do Senhor que é por ele mesmo o dia da comunidade.

O domingo é o dia da fraternidade cristã:

Foi nesse dia que São Paulo quis que se fizesse uma coleta em favor dos irmãos da Igreja de Jerusalém. E segundo o testemunho de São Justino era também nesse dia que os fiéis ajudavam aos irmãos mais necessitados. A Assembléia Dominical convoca todos os fiéis para reunir-se em comunidade de irmãos, testemunhas do ressuscitado. A Eucaristia – sinal e origem da unidade – os ligava uns aos outros com um laço profundo: a vida de Cristo. Por isso não foi difícil compreender porque desde o princípio foi constituído este dia como o *dia da caridade fraterna*.

O Ano Litúrgico.

“Revela todo mistério de Cristo no decorrer do ano, desde a encarnação e nascimento até a ascensão, ao pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor”. (SC,102)

Conceito:

É o período através do qual a Igreja celebra todo o mistério de Cristo: da Encarnação ao Pentecostes e à espera da vinda do Senhor. Inicia com o primeiro domingo do advento e termina com a festa de Cristo Rei.

O começo:

Nos primeiros tempos do cristianismo havia somente os domingos. Cada domingo era de festa. Celebrava-se o mistério Pascal: morte e ressurreição do Senhor. Com o tempo, os cristãos começaram a celebrar um destes domingos de modo especial: chamado o domingo da Páscoa.

Depois, celebravam em dias determinados do ano, uma festa especial ou outros acontecimentos importantes da vida de Cristo: Nascimento, Epifania, Ascensão, Pentecostes. Assim teve origem a festa do Ano Litúrgico.

A divisão do Ano Litúrgico: O Ano litúrgico tem fundamentalmente dois grandes ciclos: o da Páscoa, o mais importante, e o do Natal. Cada um tem uma preparação, a celebração e o prolongamento. O que corresponde ao seguinte esquema:

À O CICLO DA PÁSCOA:

Preparação – Quaresma:

Os catecúmenos se iniciam na vida da Igreja. Os batizados renovam os compromissos do Batismo pela penitência.

* Idéias-força deste tempo: Oração, conversão e penitência.

Celebração: Páscoa, Ascensão e Pentecostes.

*Idéias-força deste tempo:

Ser testemunha da Ressurreição pela palavra e pelas obras, na vida: familiar, pessoal e social.

Prolongamento: Domingos depois de Pentecostes.

À O ciclo do Natal:

Preparação – Advento:

A vinda de Jesus na humanidade. Está incluída a espera de Jesus na Glória e sua vinda no dia de nossa vida.

*Idéias-força deste tempo:

A esperança e o desejo de que Cristo se manifeste na História dos homens.

Celebração: Natal e Epifania.

Natal:

Assumido a natureza na Virgem Maria, Cristo se

Epifania.

torna participante da
natureza divina.

A manifestação de Jesus
como filho de Deus
representada pelos magos.
Os homens a quem Cristo se
manifesta devem, por sua
vez, manifesta-lo aos outros
como fizeram os pastores e
os reis magos.

Prolongamento: Domingo após a Epifania.

O TEMPO COMUM:

Além dos tempos com características próprias, restam no ciclo anual 33 ou 34 semanas. Nelas, não se celebra algum aspecto especial do mistério de Cristo, mas comemora-se o próprio mistério de Cristo em sua plenitude, principalmente aos domingos. Este é o tempo comum.

Começo e fim do tempo comum: Inicia-se na segunda-feira seguinte ao domingo depois do dia 6 de janeiro e se estende até a terça-feira antes da Quaresma. Recomeça na segunda-feira depois do domingo de Pentecostes e termina antes das primeiras vésperas do primeiro domingo do advento.

Culto aos dias dos Santos: A celebração do mistério de Cristo se completa na festa dos Santos, que são membros gloriosos da Igreja. Sem dúvida, Jesus é o único Santo. E é tão santo que comunica aos homens a sua própria santidade. No princípio do Cristianismo a Igreja festejava os mártires que tinham dado a vida pela fé (Cf. Ap 14,1-5; 21,4). Terminadas as perseguições o povo começa a venerar os grandes heróis da santidade: bispos, eremitas, etc...

O Vaticano II afirma que os santos são “os nossos irmãos, amigos e benfeitores”. A Igreja proclama “O Mistério Pascal (SC nº 40) nos santos que sofreram e são glorificados em Cristo”.

Cada Igreja particular honra os santos mais ligados à piedade popular. No fim do ano, reunimos numa só festividade todos os santos, de todos os povos e nações que já chegaram à Glória do Pai.

O Lugar de Maria: Entre todos os eleitos, resplandece a figura de Maria de Nossa Senhora – Mãe de Jesus e Mãe do Povo de Deus. Ela é “membro eminente e modelo da Igreja”. Várias vezes,

anualmente, desfilam diante de nós as festas de Nossa Senhora – sem esquecer o mês de maio, a ela totalmente consagrado.

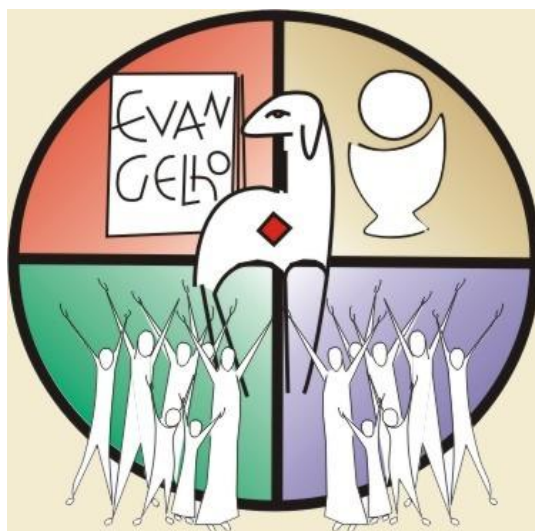
Esquema do Ano Litúrgico.

	<u>Advento:</u>	Início:	Û 4 domingo antes do Natal.
		Término:	Û 24 de dezembro à tarde.
		Espiritualidade.	Û Esperança e Purificação da vida.
<u>Ciclo do Natal</u>		Ensinoamento .	Û Anuncio da vinda do Messias.
		Cor.	Û Roxa.
	<u>Natal.</u>	Início:	Û 25 de dezembro.
		Término:	Û Na festa do Batismo de Jesus.
		Espiritualidade.	Û Fé, alegria e acolhimento.
		Ensinoamento .	Û O filho de Deus se Fez Homem.
		Cor.	Û Branca
	<u>Tempo comum</u> <u>(1ª parte).</u>	Início:	Û 2ª Feira Após Batismo de Jesus.
		Término:	Û Véspera da 4ª feira de cinzas.

		Espiritualidade.	Û Esperança e escuta da Palavra.
		Ensinamento .	Û Anúncio do Reino de Deus.
		Cor.	Û Verde.
	<u>Quaresma</u>	Início:	Û Quarta-feira de cinzas.
		Término:	Û 4ª feira da Semana Santa
<u>Ciclo da Páscoa.</u>		Espiritualidade.	Û Penitência e Conversão.
		Ensinamento .	Û A misericórdia de Deus.
		Cor.	Û Roxa.
	<u>Páscoa</u>	Início:	Û 5ª feira Santa (Tríduo Pascal)
		Término:	Û No Pentecostes.
		Espiritualidade.	Û Alegria em Cristo Ressuscitado.
		Ensinamento .	Û Ressurreição e vida eterna.
		Cor.	Û Branca.
	<u>Tempo comum (2ª parte).</u>	Início:	Û 2ª feira após o Pentecostes.
		Término:	Û Véspera do 1º Domingo do Advento

		Espiritualidade.	• Vivência do Reino de Deus.
		Ensino.	• Os Cristãos são o sinal do Reino.
		Cor.	• Verde.
• Nota: Além das festas de Jesus, dentro do Ano Litúrgico estão as festas da Virgem Maria, dos Apóstolos e dos outros Santos.			

Comunicação, Liturgia e canto



Comunicação

O Ato de comunicar tem como essência a transmissão a outrem de algo que acontece em nosso interior: sentimento, pensamento, intenção, estado de espírito ou orientar a outrem. Portanto, o ato de comunicar supõe essencialmente a necessidade de uma subjetividade para além da nossa. E é para esta subjetividade transcendente a nós que queremos dar a conhecer nossa intimidade, que queremos conhecer sua intimidade e, também, orientar o outro para que aja de forma a buscar seu próprio bem ou que nos oriente para que busquemos o nosso bem em consonância com os demais. A comunicação é, portanto uma ação humana expressa mediante palavras, gestos, símbolos, cores e sinais.

Fico sabendo que o outro pensa, quando ele expressa, exterioriza, comunica. Ele o faz com seu próprio corpo (expressão corporal e verbal) ou lançando mão de recursos externos: instrumento musical, caneta, pincel, argila e etc.

Na liturgia: Não somente as pessoas comunicam o que trazem em seu íntimo. Cada elemento que nos rodeia nos põe em relação com o que eles representam. Assim, o espaço celebrativo, a ornamentação, o cuidado com os objetos litúrgicos, as atitudes dos membros da assembleia, tudo nos fala de como é nossa fé, nossa teologia, nosso respeito em relação aos mistérios que celebramos.

Realidades que comunicam: Muitas as realidades que tocam nossos sentimentos, nos comunicam algo e de certo modo provoca em nós algum tipo de reação. Segue algumas dessas realidades, canalizando-as para o campo da liturgia:

Palavra: é o meio mais comum da comunicação entre as pessoas. Temos que tomar cuidado com a palavra, pois ela pode ser fonte de um mal entendido, podemos usá-la para omitir a comunicação ou até mesmo conturbar a própria comunicação.

Espaço Celebrativo: é o espaço onde se desenrola a ação litúrgica. O estilo da construção, a disposição do altar, dos bancos ou cadeiras, cada vez mais devem mostrar o rosto de uma comunidade de irmãos e irmãs que se reúnem ao redor de Cristo para celebrar sua obra de salvação.

Ornamentação: refere-se aos objetos artísticos, pinturas, imagens e arranjos que revelam o bom gosto da comunidade e comunicam a sua mensagem.

À Vestimentas: não servem apenas para cobrir e proteger. Elas informam se é dia de festa ou de trabalho, se temos papel preciso a desempenhar na sociedade ou não.

Objetos litúrgicos: não são apenas coisas concretas, são sinais, por isso transmitem mensagem, não somente pela presença deles, mas pelo modo como são utilizados ou conservados. A beleza da patena, do cálice e âmbulas, o formato e o acabamento das velas, as flores naturais e sua conservação, tudo isso deve concorrer para uma proveitosa celebração do memorial da páscoa.

Símbolos: é a expressão, a manifestação de uma realidade invisível, de uma experiência profunda. Com efeito, não podemos atingir Deus diretamente, mas podemos atingi-lo pela natureza: o universo, em todas as suas expressões – ser humano, terra, água, animais, plantas, flores, astros, luz... – torna Deus presente. Em todas essas realidades está presente a marca do criador. Na Liturgia Cristã, o pão e o vinho, unidos à palavra de Cristo na celebração eucarística (“isto é o meu corpo... isto é o meu sangue”), tornam

o Cristo presente no seio da sua comunidade. Neste caso, o símbolo – pão e vinho – torna-se sacramento cristão.

Expressão corporal: é a comunicação do corpo. Nosso modo de olhar, gesticular, entrar na Igreja, tudo revela nosso interior. Por vezes, fazemos o sinal-da-cruz tão apressadamente e sem concentração, que mais parece o ato de espantar moscas! É que estamos distraídos, então o gesto torna-se mecânico. Nesse caso, há incoerência, pois falta sintonia entre o que deveríamos expressar e o que deveríamos expressar e o que de fato expressamos. **(Posteriormente falaremos de formas de expressão corporal).**

Gestos.

Gestos: A liturgia é feita de sinais sensíveis que captamos mediante nossos cinco sentidos: tato, gosto, olfato, visão e audição. Cada um desses sentidos deve ser devidamente posto a serviço da celebração.

Olhar:	• Tanto do presidente quanto de todos os membros da assembleia, devem ser expressão sincera do que as palavras dizem, uma expressão de envolvimento.
Audição:	• Escutar os sons, a palavra de Deus proclamada e comentada. Escutar também o silêncio.
Tato:	• Se expressa mediante o toque. A intensidade, o respeito, o modo como tocamos as pessoas, sinal de respeito e compreensão dos planos de Deus celebrados na Liturgia.
Gosto e olfato:	• São dois sentidos um pouco esquecidos nas celebrações. Na comunhão eucarística o paladar tem o seu lugar.
Audição:	• Segundo afirmam as Instruções Gerais do Missal Romano – sinal da comunidade e da unidade da assembleia, pois estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes. (nº20).

Principais posturas exercidas:

Esquema ou roteiro da missa.

<u>Ritos Iniciais.</u>	ü Comentário Inicial		ü De pé.
	ü Canto de entrada.		ü De pé.
	ü Acolhida e saudação		ü De pé.
	ü Ato penitencial		ü De pé.
	ü Hino de louvor (Glória)		ü De pé.
	ü Oração “coleta”		ü De pé.
<u>Liturgia da Palavra</u>	ü Comentário para a 1ª leitura		ü Sentados
	ü Proclamação da 1ª leitura		ü Sentados
	ü Salmo Responsorial		ü Sentados
	ü Comentário para a 2ª leitura		ü Sentados
	ü Proclamação da 2ª leitura		ü Sentados
	ü Comentário p/ o Evangelho		ü Sentados
	ü Canto de Aclamação		ü De pé.
	ü Proclamação do Evangelho		ü De pé.
	ü Homilia (pregação)		ü Sentados
	ü Profissão de fé (Creio)		ü De pé.
	ü Oração dos fiéis		ü De pé.
<u>Liturgia Eucarística</u>	<u>Preparação das Oferendas</u>	ü Canto e Procissão	ü Sentados
		ü Apresentação do pão e do vinho	ü Sentados

		ü Presidente lava as mãos	ü Sentados
		ü Orai irmãos e irmãs!	ü De pé.
		ü Oração sobre as oferendas	ü De pé.
	<u>Oração Eucarística</u> <u>Ou Anáfora.</u>	ü Prefácio e “Santo”.	ü De pé
		ü Invocação do Espírito Santo	ü De pé
		ü Narrativa da Ceia	ü Joelhos/pé
		ü Consagração do pão e do vinho	ü Joelhos/pé
		ü “Eis o mistério da fé!”	ü Joelhos/pé
		ü Salmo Responsorial	ü De pé
		ü Comentário para a 1ª leitura	ü De pé
		ü Lembra Morte e Ressur.	ü De pé
		ü Orações pela Igreja	ü De pé.
		ü Louvor final (Por Cristo...)	ü De pé.
	<u>Rito da Comunhão</u>	ü Pai nosso e oração	ü Joelhos/pé
		ü Saudação da Paz	ü De pé
		ü Fração do Pão	ü De pé
		ü Cordeiro de Deus.	ü De pé
		ü Felizes os convidados	ü De pé.
		ü Distribuição da Comunhão	ü De pé.
		ü (Canto de ação de graça)	ü Joelhos/pé
		ü Oração após a comunhão	ü De pé

Ritos finais	ü Comunicados e convites		ü De pé
	ü Benção final		ü De pé
	ü Despedida (Ide em Paz)		ü De pé
	ü Cordeiro de Deus.		ü De pé.

De pé:	ü É a posição do Cristo ressuscitado. Estar de Pé simboliza prontidão: Estamos prontos para caminhar em direção a Deus e aos irmãos. É também o símbolo da dignidade humana.
Sentados:	ü É a atitude não somente de quem ensina (Jesus “subiu ao monte. Ao sentar-se... pôs-se a falar e os ensinava” – Mt 5,1-2), mas também de quem ouve (“Maria ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra” – Lc 10,39).
Ajoelhados:	ü Revela um Espírito de Humildade e reconhecimento dos próprios erros (penitencia); expressa o ato de profunda adoração a Deus.
Prostar-se:	ü A prostração é o ato de deitar de bruços no chão. E realizada no início da ação litúrgica da sexta-feira santa, nas ordenações de bispos, presbíteros e diáconos, e em profissões religiosas.
Fazer genuflexão:	ü É o ato de dobrar os joelhos (gesto de adoração a Jesus na eucaristia). Ao entrar na igreja, normalmente as pessoas se dirigem para diante do sacrário e aí fazem genuflexão. Também fazemos genuflexão diante do crucifixo na Sexta-feira Santa, em sinal de adoração. (Não é adoração a cruz, mas a Jesus que nela foi pregado).
Inclinação:	ü Sinal de grande respeito e também adoração diante do Santíssimo Sacramento.

Procissão:	• Simbolizam a peregrinação do Povo de Deus para a casa do Pai. Somos uma Igreja “peregrina”.
Mãos:	
Levantadas:	• É atitude dos “orantes”. Significa súplica e entrega a Deus.
Mãos juntas:	• Recolhimento interior, busca de Deus, fé súplica, confiança e entrega da vida. É atitude de profunda atitude.
Silêncio:	• O silêncio tem seu valor na oração. Ajuda o aprofundamento nos mistérios da fé. “O Senhor fala nos silêncio do coração”.

Canto.

Cantar “A missa” e não “na missa”.

Ele está a serviço do louvor de Deus e de nossa santificação. Não é apenas para embelezar a missa, mas ajudar toda a assembleia a rezar. E cada canto deve estar em plena sintonia com o movimento litúrgico que se celebra, a fim de que não se cante “na missa” mas se cante “a missa”.

O que cantar em uma celebração?

O que é importante é **cantar a liturgia**, priorizando aclamações e repostas da assembleia, os textos próprios da Missa...

CrITÉRIOS do canto litúrgico:

- Sejam de inspiração bíblica;
- Tenham referência ao mistério pascal;
- Leve em conta a realidade do povo.

Cantos Litúrgicos X Cantos de Animação:

Cantos de Animação: São cantos com mensagens religiosas e ritmos de animação, que são cantos em encontros, grupos de oração, peregrinações.

Cantos Litúrgicos: Cantos adequados ao rito da liturgia.

Os momentos da celebração Eucarística:

Entrada: Abrir a celebração, promover a reunião da assembléia e introduzir a mente e o coração no ministério a ser celebrado. É um canto de movimento e não de repouso, com a função litúrgica de reunir o povo e unificar a assembléia, bem como acolher o celebrante e equipe.

Ato Penitencial: É um canto de repouso e não de movimento, sendo uma aclamação a Cristo, com forte caráter de inovação penitencial.

Glória: É um hino em estilo livre, em honra da Santíssima Trindade, louvando o Pai, suplicando ao Filho com o Espírito Santo. É reservado ao domingos (exceção ao tempo do advento e da quaresma) e às festas e solenidades.

Salmo Responsorial: Este é o único que é essencialmente um Salmo ou canto bíblico. Tem a função de ser um eco da palavra de Deus, uma resposta, uma verdadeira meditação.

Aclamação: Por serem assentimentos energéticos, à palavra e ação de Deus, a participação deve ser solene por toda a assembléia. Durante a quaresma, o refrão aleluia, é substituído por um outro texto aclamativo.

O Creio: Se for cantado, que seja numa simples cantilena e não numa extensa estrutura musical. Deve manter o conteúdo do símbolo apostólico tradicional.

Preparação das Oferendas: Sua função é acompanhar a procissão dos dons, dar maior significado à coleta e acompanhar o rito de preparação das Oferendas.

Santo: Inicia o centro e o cume de toda a celebração eucarística, que é a narrativa da instituição. Seu sentido é que toda a congregação dos fieis se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus.

Pai-Nosso: Uma preparação para a comunhão com o /senhor. Deve ser rezado (cantado) com dicção calma e compassada, de pausas e de canto leve, quando cantado, deve manter os termos da oração ensinada pelo próprio Jesus Cristo aos discípulos.

Canto de Comunhão: Acompanhar e solenizar a participação dos fiéis à Eucaristia e a caridade fraterna e comunhão no mistério pascal de Jesus Cristo.

Ação de graças: São três possibilidades para realizar o agradecimento. Seja um momento de silêncio ou um canto instrumental ou um canto de louvor a Trindade.

Canto de despedida: Canto de “desfazimento” da Assembléia, com estímulo para a semana.

OS SÍMBOLOS LITÚRGICOS.

Há vários sentidos para os símbolos e por isso podemos dizer que:

Num primeiro sentido, muito amplo, diz Didier que o símbolo é: “o conjunto dos significados que circulam numa cultura e através dos quais a sociedade e os indivíduos encontram a sua identidade”.

É tudo o que é capaz de expressar de alguma maneira uma realidade que está presente, que a gente não pode expressar totalmente mas que é muito mais do que aquilo que a gente pode exprimir por palavras.

Daí por que o símbolo é a linguagem do mistério. A água é o símbolo da vida, a bandeira é o símbolo de uma nação, a mãos estendida simbolizará sempre uma amizade douradora.

Mas falando de liturgia como podemos defini-los? Quando nos comunicamos usamos palavras, gestos e símbolos. Sendo a liturgia um momento privilegiado do amor de Deus, nela são usados gestos, palavras e símbolos. Quanto mais simbólicas forem as ações litúrgicas tanto mais assumirão a sua dimensão celebrativa. Na liturgia, os símbolos, para quem tem fé, revelam o mistério de Cristo. Eles nos colocam em contato com a realidade celebrativa. Há alguns destes símbolos de identificação e comunhão com a Igreja que não podem ser mudados. Ex.: o pão eucarístico. Trata-se de um sinal de identificação com Cristo e que sempre de novo nos leva a uma identificação com Ele.

Os símbolos mais importantes da liturgia e seus significados:

Pão: Destinado à Eucaristia, o pão significa: união, alimento e vida. Como o alimento se torna “um” com o homem, Deus quer unir os homens em comunhão. Na Páscoa era o ázimo, que para o povo judeu o pão sempre expressou a benção de Deus. Comido sem fermento significa a pressa que o povo tinha para sair do Egito.

O pão ázimo sendo o pão da Eucaristia guarda característica de alimento: “Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo” (Jô 6,51).

Alimentar a vida, a comunhão – é este o conteúdo da realidade simbólica do pão eucarístico.

O vinho: Lembra a generosidade de Deus. Servindo nas festas significa: alegria, felicidade. Aproxima as pessoas – os amigos e familiares. Feito de muitas uvas exprime união, fusão dos corações.

Na ceia de Jesus ele se torna “o sangue da nova aliança e eterna aliança” – cf Lc 22,20. a antiga aliança foi selada no sangue das vítimas. “Eis, disse Moisés, o sangue da Aliança que o Senhor fez conosco” (cf. Ex 24,8). Jesus é a vinha nova, cujo sangue sela a Aliança definitiva, sinal de alegria para toda a humanidade redimida.

Água: Recordamos o dom precioso da vida. No batismo esta vida vem e deve ser conservada como o dom. Mediante a fé é também comunhão com a vida trinitária e com os irmãos. Pode ser também símbolo da morte: “Pelo batismo, fomos sepultados com ele (Cristo) na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos para o glória do Pai, assim também vivamos a vida nova”. (Rm 6,4).

Óleo: Na história dos Israelitas ou, mais precisamente, no Antigo Testamento, eram ungidos os sacerdotes, os reis e os profetas. Samuel unge a cabeça de Saul dizendo: “O Senhor te ungiu príncipe sobre a tua herança” (1Sm 10,1). A unção com o óleo significa consagração, benção e reconhecimento da parte de Deus e especial distinção diante dos homens. O sacerdote Aarão foi ungido pelo Espírito. O óleo torna-se símbolo do Espírito de Deus! Quando começa a missão messiânica o evangelista coloca em sua boca as palavras do Profeta Isaias: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu” (cf Lc

4,18). O próprio Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com sua força (cf At. 10,38). Cristo – o ungido –, unge por sua vez os cristãos e os torna participantes de sua santidade e de sua salvação.

Imposição das mãos: É símbolo de bênção. (cf. Gn. 48,14); transmitir um cargo ou missão (cf. Lv. 16,21). No Novo Testamento Jesus impõe as mãos as crianças (Mc 10,16); curando doentes (Lc 13,13; Mc. 6,2). Em Samaria os Apóstolos Pedro e João transmitem o dom do Espírito Santo pela imposição das mãos (At 8,17).

O gesto da imposição das mãos será vivamente, presente na liturgia dos sacramentos. No Batismo, na Confirmação, na Reconciliação dos Penitentes (Confissão), na Eucaristia antes da consagração, nas Ordenações (diaconal, presbiterial ou episcopal), na Unção dos Enfermos e no Matrimônio.

Incenso: Os mais antigos usavam-no significando purificação e proteção. Posteriormente tornou-se símbolo da oração que se eleva a Deus. No Judaísmo simboliza adoração e sacrifício. O odor do incenso devia servir para aplacar a ira de Javé. O sacrifício do incenso e adoração em muito se identificam, sendo ambos um sacrifício a Deus. Nos dias atuais, o incenso ainda tem o sentido de oração e sacrifício de presença de Deus.

Fogo: Ele ilumina, purifica, consome, destrói. O fogo novo na Vigília Pascal significa Cristo. Invocando o Espírito Santo rezamos: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fieis e acendei neles o fogo do vosso amor”. Com sacrifícios dos holocaustos, nossas vidas deverão ser consumidas, cada dia, pelo fogo do Amor de Deus.

A Cruz: Para nós, é sinal de vitória. Por ela nos somos identificados. Somos marcados pelo amor de Cristo por meio do sinal da cruz a partir do nosso Batismo.

OBJETOS UTILIZADOS NA LITURGIA.

Hóstia: É o pão de trigo puro. Há uma hóstia grande para o Presidente da Celebração e as pequenas (também chamada de partículas) para o povo. A do Padre é grande para ser vista de longe, na elevação, e ser repartida entre alguns participantes da Celebração.



VINHO: É vinho puro, de uva. Na consagração, o pão e o vinho se mudam no Corpo e no Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, vivo ressuscitado.

Obs: As hóstias ou partículas guardadas na âmbula, podemos também chamá-las de Reserva eucarística.

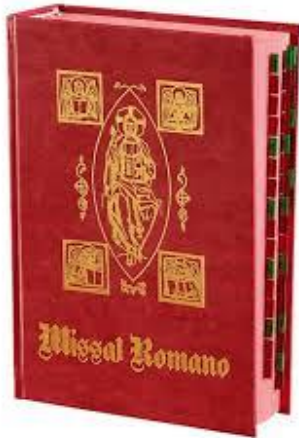
A âmbula (ou cibório) é semelhante ao cálice, mas tem uma tampa. Nela se colocam as hóstias. Após a missa é guardada no sacrário (ou tabernáculo).



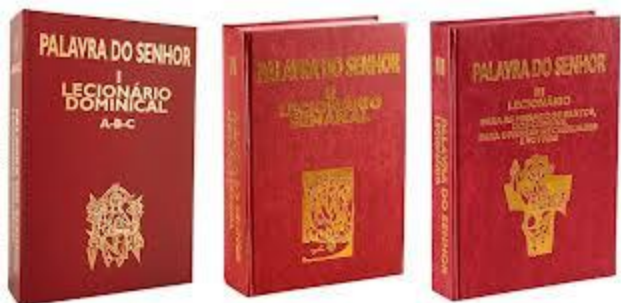
Galhetas: São como duas jarrinhas de vidro. Numa se coloca água, na outra vinho. Elas são sempre juntas, num pratinho (bandeja) ao lado do Altar.



Missal: é um livro grosso que tem o rito da Missa, menos as leituras, que estão no livro chamado Lecionário. Diz-se “Missal Romano” porque é aprovado pelo chefe da Igreja Católica, que tem sede em Roma.



Lecionário: livro que contém as leituras para a celebração eucarística.



Crucifixo: Sobre o altar ou acima dele deve haver um crucifixo, para lembrar que a Ceia do Senhor é inseparável do seu Sacrifício Redentor. Na ceia, Jesus deu aos discípulos o “Sangue da Aliança, que ia ser derramado por muitos para o perdão dos pecados.



Velas: Sobre o altar vão duas velas. A Chama da vela é o símbolo da fé, que recebemos de Jesus, “Luz do mundo”, no Batismo e na Crisma. É um sinal de que a Missa só tem sentido para quem vive a fé.



Flores: Em dias festivos, podem-se colocar flores. O certo não é “sobre” o “altar”, mas ao lado dele, pois o altar não é para pôr flores “coisas”.

Candelabro: Grande castiçal com ramificações, a cada uma delas das quais corresponde um foco de luz.

Castiçal: Utensílio que serve de suporte para uma vela.

Círio Pascal: Vela grande que é benzida e solenemente introduzida na Igreja no início da vigília pascal; em seguida é colocada ao lado da mesa da palavra ou ao lado do altar. O círio permanece aceso durante as ações litúrgicas do tempo pascal (até a festa de Pentecostes). Em muitos lugares costuma-se colocar o círio, fora do tempo pascal, junto à fonte batismal, acendendo-o em cada celebração batismal. **O círio pascal aceso simboliza o Cristo ressuscitado.**



Caldeirinha: Vasilha onde se coloca água benta para aspersão das pessoas e de objetos.

Aspersório: instrumento com que se joga água benta sobre o povo ou objetos.

Ostensório: objeto que serve para expor a hóstia consagrada à adoração dos fiéis e para dar a benção eucarística.

Luneta: peça circular do ostensório onde se coloca a hóstia consagrada para exposição do Santíssimo.

Turíbulo: vaso utilizado para as incensações durante a celebração.

Incenso: resina aromática extraída de várias plantas, para se colocar sobre brasas nas celebrações.

Teça: pequeno estojo, geralmente de metal, onde se leva a eucaristia aos enfermos. É usada também na celebração eucarística para conter as partículas.

ESPAÇO CELEBRATIVO.

Ambão ou Mesa da Palavra: estante de onde se proclama a palavra de Deus.



Sacrário ou tabernáculo: espécie de pequena urna onde se guarda o Santíssimo Sacramento.



Nave da Igreja: espaço reservado aos fiéis.

Presbitério: espaço ao redor do altar, geralmente um pouco elevado, onde se realizaram os ritos sagrados.

Credencia: mesinha onde se colocam os objetos litúrgicos que serão utilizados na celebração.

VESTES LITURGICAS OU PARAMENTOS.

Amito: É um pano branco que envolve o pescoço do celebrante. Veste-se antes da túnica ou da alva.

2- Túnica: Para lidar com as coisas Santas, o padre usa de sinais sagrados, pondo vestes que o distinguem das outras pessoas. A túnica é uma dessas vestes. É um manto geralmente branco, longo, que cobre todo o

corpo. Lembra a túnica de Jesus, “sem costura de alto a baixo”, sobre a qual os soldados tiraram sorte, para ver quem caberia.

3- Estola: É uma faixa vertical, separada da túnica, a qual desce do pescoço do padre, com duas pontas na frente. Sua cor varia de acordo com a liturgia do dia. Existem quatro cores na liturgia: verde, branco, roxo e vermelho. *A estola simboliza o poder sacerdotal.*

Os diáconos utilizam a tiracolo sobre o ombro esquerdo, pendendo-a ao lado direito.

4- Cíngulo (cordão): É um cordão que prende a alva ou túnica à altura da cintura. (A alva é uma veste semelhante à túnica. Usa-se uma ou outra).

Casula: Vai sobre todas as vestes. Cobre todo o corpo. A cor varia, conforme a liturgia, com a estola. É uma veste solene, ampla que deve ser usada nas Missas dominicais e dias festivos.

Capa ou pluvial: capa longa que o sacerdote usa ao dar a bênção do Santíssimo, ou ao conduzi-lo nas procissões, e ao aspergir a assembléia.

Véu umeral (ou véu dos ombros): manto retangular que o sacerdote usa sobre os ombros, ao dar a bênção do Santíssimo ou transportar o ostensório com o Santíssimo Sacramento.

CORES LITURGICAS.

O Branco: simboliza a vitória, a paz, a alma pura, a alegria. É usado nos ofícios e missas pascal e do Natal; nas festas e memórias da Bem-aventurada Virgem Maria, dos Santos Anjos, dos Santos não mártires, na festa de Todos os Santos, São João Batista, São João Evangelista, Cátedra de São Pedro e Conversão de São Paulo.

O Vermelho: simboliza o fogo, o sangue, o amor divino, o martírio. É usado no domingo da Paixão (= domingo de Ramos) e na sexta-feira santa; no domingo de Pentecostes, nas celebrações da Paixão do Senhor, nas festas dos Apóstolos e Evangelistas e nas celebrações dos Santos mártires.

O Verde: é a cor da esperança. É usado nos ofícios e missas do tempo comum.

O Roxo: simboliza a penitência. É usado no tempo do advento nos ofícios e missas pelos mortos.

O Preto: é símbolo de luto. Pode ser usado nas missas pelos mortos.

O Rosa: simboliza a alegria. Pode ser usado no III domingo do advento e no IV domingo da quaresma.

Nota: Quanto ao tempo do advento, hoje há uma tendência a se usar o violeta, em vez do roxo, para diferencia-lo do tempo quaresmal (penitência) e acentuar a dimensão de alegre expectativa da

vinda do Senhor. Nas missas pelos defuntos usa-se o roxo ou preto. Mas tem-se usado também o branco, para sedar ênfase não à dor, mas aa ressurreição.

Fonte: Paróquia Imaculada Conceição